

A LOUCURA DE DEUS  
O Cristo de João

## BIBLIOTECA DE ESTUDOS BÍBLICOS

- *História política de Israel*, H. Cazelles
- *As cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*, M. Carrez / P. Dornier / M. Dumais / M. Trinialle
- *Jesus e as estruturas do seu tempo*, E. Morin
- *Chave para a Bíblia: A revelação, a promessa, a realização*, Wilfrid J. Harrington
- *Bíblia, Palavra de Deus: Curso de introdução à Sagrada Escritura*, V. Mannucci
- *Jesus e a sociedade de seu tempo*, J. Mateos e F. Camacho
- *Libertando Paulo: A justiça de Deus e a política do apóstolo*, N. Elliott
- *Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João*, Eduardo Arens
- *Evangelhos apócrifos*, Luigi Moraldi
- *A teologia do apóstolo Paulo*, James D. G. Dunn
- *Jesus segundo o judaísmo*, B. Bruteau
- *Liturgia judaica: Fontes, estrutura, orações e festas*, C. di Sante
- *O memorial de Deus: História, memória e a experiência do divino no Antigo Israel*, M. S. Smith
- *A Bíblia sem mitos: Uma introdução crítica*, E. Arens
- *Da religião bíblica ao judaísmo rabínico: Origens da religião de Israel e seus desdobramentos na história do povo judeu*, Donizete Scardelai
- *Compreender o Antigo Testamento: Um projeto que se tornou promessa*, Gilles Drolet
- *A arrogância das nações: A Carta aos Romanos à sombra do Império*, Neil Elliott
- *Jesus e as testemunhas oculares: Os evangelhos como testemunhos de testemunhas oculares*, Richard Bauckham
- *O escriba Esdras e o judaísmo: Um estudo sobre Esdras à luz da tradição judaica*, Donizete Scardelai
- *Para ler o apóstolo Paulo*, Chantal Reynier
- *O Jesus do Povo: Trajetórias no cristianismo primitivo*, Robin Scroggs
- *A origem da Bíblia: Um guia para os perplexos*, Lee Martin McDonald
- *A loucura de Deus: O Cristo de João*, Alberto Maggi

ALBERTO MAGGI

# A LOUCURA DE DEUS

O Cristo de João



Título original: *La follia di Dio – Il Cristo di Giovanni*  
© Cittadella Editrice – Assis, 2010  
ISBN 978-88-308-1075-4

Tradução: *José Bortolini*

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*  
Assessoria bíblica: *Paulo Bazaglia*  
Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*  
Revisão: *Tiago José Risi Leme*  
*Renan Damaceno*  
*Iranildo Bezerra Lopes*  
Diagramação: *Dirlene França Nobre da Silva*  
Capa: *Marcelo Campanhã*  
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Maggi, Alberto

A loucura de Deus: o Cristo de João / Alberto Maggi; [tradução José Bortolini]. — São Paulo: Paulus, 2013. — (Coleção biblioteca de estudos bíblicos)

Título original: *La follia di Dio: il Cristo di Giovanni*.

1. Bíblia. N.T. João - Crítica e interpretação 2. Jesus Cristo - História das doutrinas - Igreja primitiva, ca. 30-600 I. Título. II. Série.

13-03349

CDD-226.506

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Evangelho de João: Interpretação e crítica 226.506

1ª edição, 2013

© PAULUS – 2013  
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)  
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700  
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3618-7

*A Juan Mateos,  
o primeiro que me fez conhecer  
e amar o Evangelho de João.*

## AGRADECIMENTO

Profundo agradecimento a Ricardo Perez e Serenella Zanardi por sua atenta leitura e revisão do texto.

## ABREVIATURAS BÍBLICAS<sup>1</sup>

Ab	Abdias	Is	Isaías
Ag	Ageu		
Am	Amós	Jd	Carta de Judas
Ap	Apocalipse	Jl	Joel
At	Atos dos Apóstolos	Jn	Jonas
		Jó	Jó
Br	Baruc	1-3Jo	Cartas de João
		Jo	João
Cl	Carta aos Colossenses	Jr	Jeremias
Co	Coélet (Eclesiastes)	Js	Josué
1-2Cor	Cartas aos Coríntios	Jt	Judite
1-2Cr	Crônicas	Jz	Juízes
Ct	Cântico dos Cânticos		
		Lm	Lamentações
Dn	Daniel	Lc	Lucas
Dt	Deuteronômio	Lv	Levítico
Eclo	Eclesiástico	1-2Mc	Macabeus
Ef	Carta aos Efésios	Mc	Marcos
Esd	Esdras	Ml	Malaquias
Est	Ester	Mq	Miqueias
Ex	Êxodo	Mt	Mateus
Ez	Ezequiel		
		Na	Naum
Fl	Carta aos Filipenses	Ne	Neemias
Fm	Carta a Filêmon	Nm	Números
Gl	Carta aos Gálatas	Os	Oseias
Gn	Gênesis		
Hab	Habacuc	1-2Pd	Cartas de Pedro
Hb	Carta aos Hebreus	Pr	Provérbios

<sup>1</sup> Para as citações bíblicas, utiliza-se normalmente o texto da Bíblia de Jerusalém (2012). Quando a tradução diverge, é fruto do autor.

Rm	Carta aos Romanos
1-2Rs	Livros dos Reis
Rt	Rute
Sb	Sabedoria
Sf	Sofonias
Sl	Salmos
1-2Sm	Livros de Samuel
Tb	Tobias
Tg	Carta de Tiago
1-2Tm	Cartas a Timóteo
1-2Ts	Cartas aos Tessalonicenses
Tt	Carta a Tito
Zc	Zacarias

**Abreviaturas dos Tratados  
do Talmude**

Os tratados foram citados  
da seguinte forma:

M	= Mishná
Y	= Talmude de Jerusalém
B	= Talmude babilônico

B.M.	Baba Mezia ( <i>Porta Média</i> )
Ber.	Berakot ( <i>Bênçãos</i> )
Ed.	Eduyyot ( <i>Testemunhos</i> )
Nid.	Niddá ( <i>Impureza</i> )
Pes.	Pesahim ( <i>Páscoas</i> )
Sanh.	Sanhedrim ( <i>Tribunais</i> )
Shab.	Shabbat ( <i>Sábado</i> )
Sheb.	Shebuot ( <i>Juramentos</i> )
Shek.	Shekalim ( <i>Siclos</i> )
Sukk.	Sukkot ( <i>Cabanas</i> )

**Outros escritos rabínicos**

Ber. R.	Bereshit Rabba
LevR.	Levítico Rabbá
Midr. R.	Midraxé Rabbá
Midr. Ps.	Midraxé aos Salmos
P. Ab.	Pirqê Abôth

**Outras abreviaturas**

Ant.	Flávio Josefo, <i>Antiquitates iudaicae</i> ( <i>Antiguidades judaicas</i> )
Bell.	Flávio Josefo, <i>De bello iudaico</i> ( <i>Guerra judaica</i> )
CD	Documento de Damasco



# INTRODUÇÃO

## JESUS NÃO É COMO DEUS

Para muitos, no passado, a Igreja cometeu um erro ao enumerar entre os Evangelhos canônicos também o Evangelho de João.

A desconfiança para com uma teologia tão diferente daquela dos outros evangelistas, com a radical oposição a toda forma de instituição religiosa e ao Templo (Jo 4,21) e, além disso, com a acolhida dos hereges samaritanos, não só tornava repugnante para os judeus a comunidade nascida do Evangelho de João, mas levava a considerá-la suspeita aos olhos da Igreja nascente.

Sob o pontificado do papa Zeferino (199-217), houve quem, como o padre romano Gaio, rejeitasse o Evangelho, atribuindo-o não a João, mas ao herético Cerinto. De fato, o mais antigo comentário do Evangelho de João foi escrito por Heracleon, um discípulo de Valentim, fundador de uma conhecida seita gnóstica.

Com efeito, o Evangelho de João foi acolhido pelos gnósticos e heréticos, mas visto com desconfiança pelos círculos eclesiásticos mais ortodoxos, que suspeitavam tratar-se de um Evangelho anti-institucional, que tomava a devida distância da estrutura hierárquica que ia se formando na Igreja.

A comunidade de João é, com efeito, formada por “um rebanho, um Pastor” (Jo 10,16): a existência da comunidade dos crentes (rebanho) contém em si a presença do Senhor (pastor) e forma o novo santuário do qual se irradia o amor de Deus para toda a humanidade (Jo 17,22-23).

É tarefa da comunidade-santuário ir ao encontro daqueles que foram expulsos da instituição religiosa (Jo 9,22.35; 12,42; 16,2) e

acolher todos aqueles que, por sua condição, se sentem indignos de se aproximar do Senhor.

A todos esses o Senhor e seu rebanho fazem ressoar a palavra do Pastor, que convida a unir-se numa única comunidade, na qual os componentes não são servos do Senhor, mas seus amigos (Jo 15,15), irmãos entre si (Jo 21,21), e onde vigora um só mandamento, o mandamento do amor recíproco (Jo 13,34).

Considerado pouco idôneo para disciplinar a vida dos crentes, o Evangelho de João foi classificado como “*Evangelho espiritual*” já por volta de 200 por Clemente de Alexandria (Eusébio de Cesareia, *História Eclesiástica* 1,6,14,7). Um Evangelho celestial, para uso e consumo dos místicos, e não ao alcance do povo, adequado para aqueles que são atraídos pelas coisas do céu, e não para aqueles que sujam as mãos com as coisas da terra.

Desse modo, o Evangelho de João foi acompanhado nos séculos pela fama de uma obra difícil, reservada como nutrição para as pessoas “espirituais”, e se neutralizava assim o impacto explosivo que esse Evangelho pode provocar na vida dos crentes, conduzindo-os à liberdade plena (“Conhecereis a verdade, e a verdade vos fará livres”, Jo 8,32).

A marginalização da vida da Igreja do Evangelho de João ainda subsiste. Com efeito, diferentemente dos outros Evangelhos, ele não tem um ano litúrgico, mas é oferecido somente em fragmentos de forma incompleta e com lacunas.

No entanto, nesse Evangelho a compreensão de Jesus é formulada do modo mais profundo de todo o Novo Testamento. Com efeito, se os outros evangelistas apresentam Jesus como o *Filho de Deus* (Mt 14,33; Mc 1,1; Lc 1,35), João é o único que atribui a Jesus o termo *Deus* (“Meu Senhor e meu Deus!”, Jo 20,28).

Porém, qual Deus?

“Ninguém jamais viu a Deus”, declara de modo peremptório João (Jo 1,18; 5,37; 6,46), convidando o crente a fixar-se somente em Jesus, “o único filho, que é Deus e que está no seio do Pai, é ele que o revelou” (Jo 1,18).

Quando Filipe pede a Jesus que lhe mostre o Pai, Jesus responde: “Quem me viu, viu o Pai” (Jo 14,9).

Para João, Jesus não é igual a Deus, mas Deus é igual a Jesus.

O evangelista convida o leitor a se desembaraçar de qualquer imagem ou concepção de Deus que não encontrem eco na figura de Jesus, na sua vida e no seu ensinamento.

Toda imagem de Deus, nascida da tradição religiosa, da espiritualidade, que não coincide com Jesus deve ser eliminada, por ser incompleta, limitada ou falsa.

O Deus que Jesus revela não pode ser conhecido mediante a doutrina, e sim mediante as suas obras (“Crede-me: Eu Sou no Pai e o Pai é em mim, pelo menos crede-o pelas próprias obras”, Jo 14,11).

O único critério da veracidade da divindade do Cristo são as suas obras, as mesmas do Pai. E as obras de Jesus são todas a favor do homem, da sua vida e da sua felicidade.

Mediante as temáticas da criação (*Gênesis*) e da libertação (*Êxodo*), João apresenta Jesus como o pleno cumprimento das esperanças da antiga aliança. De fato, o Cristo é anunciado como plenitude de vida e de luz (“Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens”, Jo 1,4).

Na sua obra, o evangelista apresenta um crescendo dessa vida e dessa luz “que ilumina todo homem” (Jo 1,9), mediante obras que restituem, comunicam e enriquecem a vida de toda pessoa, independentemente da sua condição moral ou religiosa.

A vida-luz que Jesus transmite, máxima resposta ao desejo de plenitude de vida que todo homem traz consigo, se difunde sempre mais e “brilha nas trevas” (Jo 1,5), libertando definitivamente os homens do domínio das trevas-morte.

O crescendo de luz será em certo momento de tal modo ofuscador a ponto de ser intolerável por aqueles que vivem nas trevas (Jo 3,20) e são eles próprios trevas: os chefes religiosos. Com efeito, serão eles os que não suportarão a intensidade da luz que emana de Jesus, o homem-Deus, “Luz do mundo” (Jo 8,12; 9,5), que gritarão a Pilatos: “Tira-o! Tira-o! Crucifica-o!” (Jo 19,15).

“Aquele que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29) foi tirado do mundo pelos cúmplices desse pecado. O Filho de Deus não foi morto porque essa era a vontade do Pai, mas pela conveniência da casta sacerdotal no poder (Jo 11,50).

## A LOUCURA DO MESSIAS

Para João, em Jesus, o Homem-Deus, se manifesta a plenitude do amor do Pai, um Deus-Amor que não é rival do homem, mas seu aliado, que não o domina, mas o potencia, não o absorve, mas se funde com o homem, para comunicar-lhe a plenitude da sua vida divina (Jo 17,22).

Um Deus que não pede ofertas, porque é ele que se oferece (Jo 4,10), que não quer ser servido, porque é ele que serve aos homens (Jo 13,14), que pede nova relação com ele, não mais como servos, mas como filhos.

Essa oferta não será acatada e o Cristo tão esperado será rejeitado, contestado, caluniado e, por fim, assassinado (“Veio entre os seus, mas não o acolheram”, Jo 1,11).

A vontade de Deus – que todo homem se torne seu filho (Jo 1,12) – será, com efeito, considerada uma blasfêmia, um crime merecedor de morte por parte das autoridades religiosas, que rejeitam Jesus e sua mensagem em nome da Lei divina: “Nós temos uma Lei, e segundo essa Lei ele deve morrer, porque se fez Filho de Deus” (Jo 19,7).

Mas, para o evangelista, a Lei de Deus não pode manifestar a rica realidade de um Deus que é Amor (1Jo 4,8), e o amor não pode ser expresso através das leis, mas somente com obras que comunicam vida às pessoas.

Entre o amor do Pai e a Lei de Deus, não é possível qualquer conciliação.

Para Jesus, a Lei invocada pelos chefes do povo não é senão um vazio recipiente que esconde a pretensão de domínio e de poder por parte das autoridades religiosas: prova disso é que eles nunca invocam a Lei divina a favor dos homens, mas sempre para a própria e exclusiva vantagem (Jo 7,19).

A Lei de Deus é usada pelos chefes religiosos para defender teorias oscilantes emanadas por vontade divina, para oprimir e dominar com prepotência o povo que não pode permitir a si mesmo ter outra opinião a não ser a opinião por eles expressa (Jo 7,48).

Jesus nunca se fundamenta na Lei de Deus, mas sempre no amor do Pai.

Em nome da Lei, mesmo tratando-se da Lei divina, é possível fazer os homens sofrerem e até matá-los (Jo 16,2), mas, em nome do

amor do Pai, é possível somente aliviar o sofrimento e restituir a vida a toda pessoa.

As autoridades teriam podido tolerar um profeta reformador das instituições religiosas, um enviado por Deus para purificar o Templo, o sacerdócio, o culto e também a própria Lei, a essas alturas bagunçada e impraticável, mas Jesus não, não era aceitável.

Ele não é um profeta, nem um enviado divino, não se move no âmbito do sagrado, mas se afasta dele. O Cristo é a própria manifestação de Deus entre os homens, e não veio para purificar as instituições religiosas e sim para eliminá-las, denunciando que todo aquele conjunto de crenças e de cultos denominado *religião* não apenas não permite a comunhão com Deus, mas é justamente aquilo que a impede.

É demais.

Rejeitado pela família, de modo que “sequer os seus irmãos acreditavam nele” (Jo 7,5), e abandonado por grande parte dos seus seguidores (“muitos dos seus discípulos se afastaram e não andavam mais com ele”, Jo 6,66), para as autoridades judaicas Jesus é apenas um louco, um obcecado.

A acusação dos chefes do povo de que Jesus era um samaritano (“Não dizíamos com razão que és um samaritano e tens um demônio?”, Jo 8,48) não encerra somente o desprezo que os judeus nutriam para com “aquele povo estúpido que habita em Siquém” (Eclo 50,26), mas manifesta o alarme para a periculosidade de Jesus, que deve ser combatido e eliminado como inimigo de Deus (endemoninhado) e do povo (samaritano).

Somente um louco, um samaritano endemoninhado, podia, com efeito, denunciar os chefes religiosos como filhos do diabo e assassinos (Jo 8,44) e desejar o fim da instituição religiosa que se acreditava fosse desejada pelo próprio Deus.

Por esse motivo, contra Cristo se coligarão todas aquelas forças que veem no homem que se “faz igual a Deus” (Jo 5,18) um perigo para o seu domínio, as suas ambições e sua segurança.

Os adversários mortais de Jesus, Filho de Deus, serão justamente os chefes religiosos, aqueles que fizeram da religião o sistema para satisfazer as próprias ambições frustradas, tornando Deus o pedestal para o próprio desejo de prestígio.

João escreveu seu Evangelho “para que acrediteis que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, acreditando, tenhais a vida no seu

nome” (Jo 20,31), garantindo que as trevas não vencerão a luz (“a luz brilha nas trevas e as trevas não a venceram”, Jo 1,5) e convidando todo crente a colaborar ativamente com aquele que disse: “Eu venci o mundo” (Jo 16,33), porque a vida será sempre mais forte que a morte.